

ENTORPECIMENTO POR MEDIAÇÃO: UM ELEMENTO DA DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS?

NUMBNESS BY MEDIATION: AN ELEMENT OF FAKE NEWS
DISSEMINATION?

EL EMBOTAMIENTO A TRAVÉS DE LA MEDIACIÓN: ¿UN ELEMENTO
DE LA DIFUSIÓN DE NOTICIAS FALSAS?

Marcus Bastos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Marcus Bastos é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, onde é professor vinculado ao Departamento de Artes, desde 2003, e ao programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, desde 2012. Publicou os livros *Audiovisual ao Vivo: tendências e conceitos* (com Patricia Moran, Intermeios, 2020), *Limiares das Redes* (Intermeios, 2014) e *Cultura da Reciclagem* (Noema, 2007, ebook). Rua Monte Alegre, nº 984, 05014-901, Perdizes, São Paulo, SP | marcusbastos@pucsp.br | <https://orcid.org/0000-0001-6786-7993>

RESUMO

O artigo debate a forma como o saber científico perdeu importância no contexto de notícias falsas que toma conta dos processos contemporâneos de mediação em rede. Há um questionamento sobre até que ponto os processos de entorpecimento pelo excesso de informação podem vir a ser responsáveis por uma alienação do usuário, resultando na anestesia de seu senso crítico. Este debate leva em conta exemplos de confusão entre ficção e realidade na história das mídias, como a fuga da sala de cinema quando o trem se aproxima do primeiro plano nas primeiras projeções dos Lumière, a transmissão de Guerra dos Mundos na CBS e a confusão entre a chatterbot Eliza e uma pessoa real.

Palavras-chave: Mídia, Entorpecimento, Notícias falsas, Ciência

ABSTRACT

The article discusses the way in which scientific knowledge has lost importance in the context of fake news that takes over contemporary processes of mediation in network. There is a questioning about the extent to which the processes of numbing by the excess of information can be responsible for the alienation of the user, resulting in the anesthesia of his critical sense. This debate takes into account examples of confusion between fiction and reality in the history of media, such as the escape from the cinema room when the train approaches the foreground in the first Lumière projections, the transmission of War of the Worlds on CBS and the confusion between the chatterbot Eliza and a real person.

Keywords: Media, Numbness, Fake news, Science

RESUMEN

El artículo analiza la forma en que el conocimiento científico ha perdido importancia en el contexto de las fake news que se apoderan de los procesos contemporáneos de mediación en red. Se cuestiona hasta qué punto los procesos de adormecimiento por el exceso de información pueden ser responsables de la alienación del usuario, dando lugar a la anestesia de su sentido crítico. Este debate tiene en cuenta ejemplos de confusión entre la ficción y la realidad en la historia de los medios de comunicación, como la huida de la sala de cine cuando el tren se acerca al primer plano en las primeras proyecciones de los Lumière, la transmisión de La guerra de los Mundos en la CBS y la confusión entre la chatterbot Eliza y una persona real.

Palabras clave: Medios de comunicación, Embotamiento, Noticias falsas, Ciencia

ENTORPECIMENTO POR MEDIAÇÃO: UM ELEMENTO DA DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS?

Marcus Bastos

Qual é a relação entre as novas mídias e os fenômenos alucinatórios, considerando a fuga do trem na tela em uma das primeiras sessões de cinema, a histeria em torno da transmissão de *Guerra dos Mundos*, a confusão do *chatbot* Eliza com uma pessoa real e a atual disseminação de notícias falsas? A bibliografia especializada desenvolveu os temas da alienação ou da narcotização da mídia, sugerindo que dispositivos como rádios, TVs e computadores podem anestesiar ou intoxicar a percepção de seus espectadores e usuários. Mas será realmente possível que um equipamento, mesmo com funcionalidades complexas, possa por si só alterar radicalmente a forma como as pessoas percebem o mundo, a ponto de perderem a noção da realidade? De que forma estas realidades alternativas têm substituído o saber científico, em um contexto em que os consensos sobre a realidade têm se tornado menos abrangentes? (BASTOS, 2022, no prelo). De que forma estes acontecimentos alucinatórios desafiam os limites da ciência?

Alguns comentaristas da mídia de massa desenvolveram o tema da alienação do público a um ponto que leva o leitor ingênuo a acreditar em um entorpecimento produzido por estes dispositivos. O tema é discutível, uma vez que as tecnologias podem ser utilizadas para diferentes fins, de acordo com os procedimentos e o contexto adotados. Não há um rádio, uma TV, um computador, mas rádios, TVs, computadores, diferindo uns dos outros de acordo com seus usos (mas ao mesmo tempo pressionando as culturas a funcionarem de determinadas maneiras a partir de matrizes que essas próprias culturas programaram os dispositivos para propagar, num elo de retroalimentação). Por isso, o mais coerente é pensar o tema a partir de uma compreensão fenomenológica da relação entre mídia, humanos e cultura, assumindo uma teia de afetamentos mútuos entre os três.

O exemplo das mídias digitais é especialmente relevante, em um contexto no qual serão discutidas notícias falsas. Trata-se de um ambiente de degradação dos

discursos públicos, como o jornalismo e a ciência. O exemplo da ciência é particularmente sensível, na medida em que um processo de desmonte de suas narrativas dominantes levou num primeiro momento à relativização dos saberes, relevando os jogos de poder envolvidos nos modos de produção e difusão do conhecimento. Em casos radicais isso levou a um relativismo pouco produtivo e a questionamentos mais frontais dos mecanismos de validação científica. Mas no geral resultou em uma heterogeneidade discursiva importante para democratizar e tornar plurais os ambientes de conhecimento. Todavia, contemporaneamente, isto levou a um questionamento da ciência como discurso capaz de construir consensos a respeito da realidade. As notícias falsas não são apenas um avesso da ciência, mas são, em grande medida, uma corrosão do discurso científico.

A Internet começou como um ambiente utópico, com sonhos de acesso democrático e ampla disponibilidade explorados em uma série de experiências progressistas, até mesmo libertárias. O sonho da Internet foi o sonho da ciência colocada a serviço das mudanças desejáveis. Isto, infelizmente, mudou de forma indesejável com a comercialização da web, e especialmente com a chamada web 2.0. Esta mudança endossa um argumento de que a mídia em si não direciona comportamentos, mas, combinada com os desejos humanos, envereda para uma ou outra direção resultante da interface entre ambos. Por experiência, parece que eventualmente essas mediações caminham na direção do senso comum, ou pior. É por isso que momentos mais medíocres da história da mídia têm inspirado tanta teoria anti-mídia. Mas são pensamentos simplistas que, como já foi dito, acreditam que as mídias sozinhas sejam capazes de dirigir o comportamento das pessoas e, como foi argumentado, não explicam a complexidade dos processos de mediação.

Em uma visão geral destes acontecimentos entorpecentes, há casos que representam cada período particular da história da mediação: rádio, TV e mídia digital. Mas o entorpecimento através da mediação não é suficiente para explicar episódios complexos como a histeria maciça provocada por um programa de rádio fictício ou a disseminação de notícias falsas. Ao mesmo tempo em que o público ficou enfeitiçado com o romance sônico de Welles, outro episódio de ilusão em massa estava em andamento através do oceano, este estimulado por um circo midiático maléfico e deliberado. A ascensão do nazismo na Alemanha é uma versão ampliada, prolongada e maligna do incidente com a transmissão de *Guerra dos Mundos*. Desta vez as massas são enganadas a ponto de acreditar nos absurdos mais bizarros, tomados como realidade por uma parte significativa da população. E, se o rádio desempenhou um papel importante na doutrinação nazista, com sessões públicas e a divulgação do *Volksempfänger*, livros como *A psicologia das massas e a análise do eu*, de Freud (2011), e *Massa e Poder*, de Canetti (2009), mostram como o problema da ilusão de massa é muito mais complexo.

Isto acrescenta outra camada à pergunta anterior. Além da mediação, fatores psicológicos e antropológicos também contribuem para anestesiar o pensamento crítico em um grau que pode contribuir para a disseminação de notícias falsas. Como explicar o episódio de audiências que confundem a narrativa fictícia de *Guerra dos Mundos* com realidade através desta chave dupla, de entorpecimento pela mídia e de ilusões de massa? Como foi o contexto de tal episódio e como ele se relaciona com a atual ascensão de notícias falsas? Por que os dois períodos são marcados por um aumento da presença pública dos discursos de extrema direita e perda da confiança na ciência? Até que ponto o acento científico do texto de *Guerra dos Mundos*

contribuiu para este efeito? A ficção científica é um aspecto fabulatório da ciência, que se desdobra de duas formas, pelo viés da imprecisão fantasiosa e pelo viés do sonho visionário.

Mesmo que não se trata de ciência efetiva, a ficção científica tem um caráter fabulatório que contribui para a construção dos imaginários e dos entendimentos das coisas. Há uma relação complexa entre ficção científica e ciência, na medida em que tanto descobertas científicas foram inspiradas em ficção quanto a ficção científica se informa a respeito da ciência para construir suas narrativas. Esta tensão entre conhecimento e fabulação sempre teve um aspecto produtivo, pois permite injetar com imaginação os terrenos áridos do saber. Mas, recentemente, acontece um desvio inesperado, e a fabulação se torna alucinatória e negacionista, seja inventando explicações absurdas para as coisas (como o terraplanismo), seja negando conquistas científicas inquestionáveis (como os movimentos anti-vacina).

Um aspecto interessante do tema é a existência de uma antiga mente bicameral que alucina ao ponto de seus portadores ouvirem sons. A alucinação, como a ficção científica, também pode desvalar para a imprecisão fantasiosa ou para o sonho visionário. Este tipo de comportamento delirante deixou de ser dominante na cultura humana após a aparição da escrita. Alguns pensadores argumentam que a cultura atual é um retorno à oralidade por meio da tecnologia (McLuhan, Ikonidou, Kahn), mas seria mais preciso descrevê-la como uma intensificação do multisensorialismo. Isto não poderia resultar numa reativação desta mente bicameral alucinatória? Quem sabe este contexto de mais multissensorialidade tem como efeito colateral estimular um retorno a este mundo alucinante anterior à escrita?

Wolfgang Ernst discute o tema da mente bicameral, em *Sonic Time Machines*:

Paradoxalmente, dentro do alfabeto vocal — que é capaz de gravar fonograficamente a língua grega na forma escrita — ocorre uma reminiscência da era pré-alfabética. Uma causa para a quebra da mente bicameral no início da antiguidade foi o advento da própria escrita, 'porque uma vez que algo é escrito você pode se afastar dele e ele não tem mais poder sobre você, em contraste com uma alucinação auditiva que você não pode excluir'. O resultado imediato desta perda de vozes alucinadas (imperadores e deuses) resultou em substitutos semelhantes aos da mídia: a ideia de gênios ou anjos como mensageiros entre o céu e a terra, a ideia de deuses malignos como os demônios — todos são fenômenos novos (ERNST, 2016, p. 63).

No entanto, esse retorno aos estados que lembram uma cultura pré-escrita poderia facilitar novas formas de alucinação? O fato de o rádio ser uma nova forma de oralidade está relacionado com os estados alucinógenos resultantes da transmissão de *Guerra dos Mundos*? Em caso afirmativo, o que se poderia dizer de eventos não-sônicos, como os episódios da primeira sessão de cinema e da confusão entre o *chatterbot* Eliza e uma pessoa real? Como este contexto de culturas pós-escrita pode facilitar notícias falsas? O cinema também é entendido como uma forma de alucinação por alguns comentaristas. Isto pode ser inferido do seguinte trecho de *O sujeito na tela*, no qual Arlindo Machado compara cinema e vídeo através do parâmetro da capacidade de cada um de estimular a imersão em uma realidade fictícia.

A tela de vídeo, pelo contrário, tende a ser opaca (pequena, estilhaçada, sem profundidade, pouco "realista" e de precário poder ilusionista), exigindo que o espectador coloque toda a sua energia a serviço da decodificação e barrando, ao mesmo tempo, qualquer

espécie de fascínio alucinatório que possa fazê-lo perder a vigilância sobre suas próprias sensações (MACHADO, 2007, p. 134).

Mas outro aspecto do contexto no qual ocorreu a histeria em torno da transmissão é a guerra iminente. Em *A Arte do Vídeo*, Machado afirma que:

[...] é preciso considerar que o impacto desse programa foi grandemente favorecido pelo clima de pré-guerra que já se vivia nesse momento, a Alemanha nazista ameaçando intervir no conflito entre Tchecoslováquia e Hungria e o mundo assistindo à proximidade inevitável da conflagração. A situação em si já era explosiva e bastava alguém riscar um fósforo para que o pânico se instaurasse. Assim, Orson Welles mostrou o poder da radiodifusão de embaralhar as categorias do real com o imaginário, apontando para uma nova condição dos sistemas simbólicos, aquela justamente que a televisão saberia explorar com eficácia: a potencialidade de traduzir a realidade em espetáculo ou o espetáculo em realidade (MACHADO, 1990, p. 86).

A Alemanha é um exemplo curioso do fracasso do rádio, em uma mudança da utopia para o pesadelo que não é tão diferente do que está acontecendo com as mídias sociais e a ascensão da extrema direita nos dias de hoje. Quando o rádio começou, havia uma série de visões utópicas sonhando com o rádio como uma ferramenta de democracia, educação e libertação. Em um pequeno artigo sobre rádio na Alemanha, Bredow, um pioneiro do meio no país, é citado por acreditar "que a nova tecnologia poria um fim à era da ignorância e do preconceito, uma ilusão compartilhada por muitos outros pioneiros do meio nos anos de Weimar" (MAREK, 2020, n.p). Nem mesmo uma década depois, o rádio tornou-se o principal meio de comunicação para a doutrinação nazista. Esta mudança na forma como as tecnologias são utilizadas, seja o rádio ou a Internet (ambas as mídias

começaram em meio a sonhos utópicos e mudaram para paisagens distópicas) acrescenta um elemento extra para a suposição de que o entorpecimento pela mídia não é um efeito de sentido único, mas um emaranhado fenomenológico de corpos e dispositivos. No entanto, o rádio tem exemplos poderosos de conteúdo mediado que acidental ou deliberadamente diluem os limites da ficção e da realidade.

Machado generaliza o embaralhamento entre ficção e realidade no contexto de uma confusão entre conteúdo gravado e conteúdo ao vivo na TV. O mesmo poderia ser dito sobre o rádio e as mídias digitais, mesmo que estas últimas difiram das duas anteriores, pois a condição ao vivo é seu estado padrão (tudo que é postado e comentado nas mídias sociais está sendo mediado em tempo real). No caso da TV, Machado considera que o espectador não tem pistas discerníveis em relação a que tipo de conteúdo está sendo transmitido. Isto mudou na história da TV, considerando que atualmente os programas que estão transmitindo ao vivo tendem a incluir um ícone na tela para indicar o fato.

Isso tudo costuma, é claro, produzir certa confusão junto à comunidade de telespectadores, que nem sempre consegue distinguir o programa ao vivo do pré-gravado: não raro, alguns espectadores telefonam para a emissora para se referir a qualquer aspecto da emissão, supondo que a transmissão seja direta e se surpreendem com o equívoco. Para alguns analistas, um dos grandes perigos da televisão está nesse seu caráter híbrido, que favorece a (con) fusão entre informação e fabulação, ou entre registro documental e ficção, ou ainda entre o presente exercido e o simulado, abrindo brechas para se vender gato por lebre. Segundo Vilém Flusser, por exemplo, a inexistência de marcas distintivas entre

as duas modalidades de programação televisual — a emitida ao vivo e a pré-gravada — acaba por confundir as categorias do real e do fictício, torná-las cada vez menos ontológicas e cada vez mais coercitivas, donde o corolário inevitável da tevê como instrumento para a alienação (MACHADO, 1990, p. 83).

Se for esse o caso, podemos propor a hipótese de que a confusão entre ficção e realidade que estabelece o contexto para as notícias falsas está sendo construído há muito tempo, pelo menos desde que a TV começou a borrar sistematicamente esses limites (mas ainda mais cedo, se considerarmos os exemplos do cinema e do rádio já mencionados). Este processo também acontece como consequência da suavização da ciência, quando fica claro que a suposta objetividade do discurso científico não passa de uma confusão entre a narrativa da ciência e certo consenso sobre a realidade. A ciência contemporânea entendeu que seu material é um emaranhado de pontos-de-vista em debate (BASTOS, 2022). Como já foi dito, esta mudança de perspectiva, que democratiza o discurso científico, leva a um contexto em que infelizmente os saberes passam a ser questionados de forma leviana num ambiente de resistência aos consensos razoáveis sobre as coisas (BASTOS, 2022).

A partir desta perspectiva, não é surpreendente que Umberto Eco (1984) escreva sobre a mídia em termos de *viagens na irrealidade cotidiana*.¹ Isto significa que os comportamentos da mídia de massa e seus equivalentes digitais nas mídias sociais não parecem ser tão dirigidos como os teóricos da mídia tendem a acreditar. Revendo o que foi escrito sobre TV e mídias sociais, há uma série de coincidências, e o contexto de notícias falsas parece ser compartilhado entre ambos, com a diferença de que a irrealidade é agora difundida tanto pelos usuários

quanto pelos veículos de mídia, o que resulta num aumento exponencial de desinformação. É por isso que provavelmente a psicologia de massa pode explicar como estes comportamentos continuam retornando em diferentes ciclos tecnológicos. É claro que eles se ajustam ao contexto, mas o comportamento de massa parece ser a constante, enquanto a mídia muda. É este afastamento da ciência que permite estabelecer um elo entre as balbúrdias nazistas e os absurdos terraplanistas, mesmo que a comparação não seja simétrica.

O conteúdo da mídia pode, às vezes, provocar uma irritação da percepção, como revela o tema do choque em autores como Benjamin, Brecht, Crary e Ernst. O século XIX foi particularmente sensato nesse sentido, já que foi o momento de transformação radical da cultura e das formas de vida por meio de tecnologias como o telégrafo ou as pontes, levando a uma cultura de conexão que atingirá seu auge no século XXI (BASTOS, 2018).

Enquanto as qualidades "vivas" da transmissão eletrônica em telegrafia e telefonia tinham colocado o ouvinte em contato imediato, bastante íntimo e, em última instância, físico através de um fio com outro interlocutor através do tempo e do espaço, o *wireless* oferecia o fenômeno potencialmente mais inquietante da comunicação distante, porém instantânea através do ar livre (SCONCE, 2000, p. 62).

Um aspecto curioso do tópico é a inversão de uma tendência da mídia da época. Para os analistas, uma característica particular de dispositivos como rádio e TV é que eles deslocam o desenvolvimento tecnológico para uma esfera individual, em oposição às tecnologias públicas como ferrovias, iluminação urbana e cinema (MACHADO, 1990). A partir dessa perspectiva, os meios de comunicação de massa são paradoxais, já que

multiplicam conteúdos para moldar a opinião pública, mas o fazem ocupando seu espaço doméstico de audiência. Isto corrobora a analogia de Sconce, já que a partir desta perspectiva o rádio e a TV são invasivos, invadem a intimidade de seus usuários. Assim, o rádio e a TV são alheios à vida doméstica, especialmente no início do século, quando a vida rural e menos tecnologizada ainda era o modelo dominante.

A rigor, o único uso “massivo” dos meios de radiodifusão se deu na Alemanha nazista, quando sob as ordens de Goebbels, o Partido Nacional-Socialista organizava audições coletivas de rádio, com os cidadãos afluindo à praça pública para ouvir as vozes de seus líderes nos alto-falantes. O paradoxo criado pela estrutura de difusão através das ondas é que ela torna a experiência privada de assistir televisão um evento público, partilhado ao mesmo tempo por milhões de outros cidadãos da República. As residências privadas tornam-se fortemente ligadas à esfera pública, o que transforma qualquer emissão de tevê num acontecimento político de extrema importância. Só que um acontecimento político de tipo autoritário: cada cidadão não tem meios para responder, intervir ou exercer influência sobre a emissão, já que ela é unidirecional e irreversível (MACHADO, 1990, p. 18).

Este elo entre discurso público e privado é algo que também vai contribuir para a descrença na ciência que marca o ambiente das notícias falsas. A ciência é um discurso misto, pois apesar de ser público, restringe-se ao circuito dos especialistas (a não ser nos casos da divulgação científica, que se tornou cada vez menos corrente). O embaralhamento entre público e privado é algo que se acentua ao longo do século XX e início do século XXI, atingindo um ápice com o surgimento dos dispositivos portáteis com conexão a redes sem fio. No caso da ciência, este embaralhamento gera uma vida de mão dupla problemática, pois o discurso privado passa a

se sentir no direito de formular narrativas sobre a ciência. Se isto tem um aspecto potente no caso da ciência de garagem e do conhecimento independente, seu lado negativo é o surgimento de discursos pseudo-científicos que acabam sendo absorvidos por parcelas significativas do público como fato.

Mesmo que a histeria em massa através da mediação não se repita em grandes acontecimentos, a propagação de notícias falsas revela uma nova versão de tal relação alucinatória com o conteúdo da mídia, especialmente em grupos que concebem teorias exóticas, como os já citados casos dos terraplanistas e dos grupos anti-vacinas. O que muda e o que permanece o mesmo em cada época? A percepção acostuma-se às novas mediações, a ponto de uma geração tomar como alta resolução hiperrealista o que é considerado padrão por uma geração mais nova? Quanto tempo leva para que uma cultura se acostume a uma mídia para que tais efeitos desapareçam? As novas mídias de uma época perdem este impacto desproporcional somente quando as novas mídias de outra época ocupam tal espaço? Essas são questões secundárias que levam a uma investigação sobre como o entorpecimento através da mediação contribui para a disseminação de notícias falsas e como a relativa novidade das mídias sociais e aplicações móveis contribuem para isso.

Arlindo Machado comenta a este respeito, em *A Arte do Vídeo*:

A repulsa à televisão pelas camadas eruditas tem gerado um prodigioso folclore de impropérios nesses sessenta anos de história da emissão eletrônica, a ponto de um detrator mais furioso — Jerry Mander, em seu volumoso ensaio *Four arguments for the Elimination of Television* — afirmar que, entre outros efeitos

corrosivos, a tevê inibe os processos cognitivos, induz no indivíduo estados de sonolência ou de hipnose, produz desorientação das noções de espaço e tempo, estimula comportamentos de passividade, gera autocracia e os regimes autoritários. Não vendo qualquer alternativa para minorar os males do iconoscópio, Mander pede que a sociedade dê a televisão o mesmo tratamento que dá às drogas psicotrópicas: a erradicação total (Mander, 1978). Sem a brutalidade de um Mander, mas com não menos intransigência, pensadores do porte de um Theodor Adorno (1973: 415-425) ou de um Armand Mattelart (1976) submeteram a televisão a um bombardeiro cerrado, impiedoso e nem sempre justificável, enquanto toda uma geração de sociólogos tem feito da “alienação” do espectador de tevê um dos temas principais de suas monografias acadêmicas (MACHADO, 1990, p. 19).

Um aspecto que os comentaristas discutem sobre o contexto dos debates em torno da alienação na TV é como sua linguagem fragmentada resulta em um regime mais distraído de espectadorialidade. Em *A Arte do Vídeo* (1990), Arlindo Machado discute (em diálogo com os debates de Umberto Eco em torno da obra aberta) como a sintaxe da TV se assemelha à literatura contemporânea, em termos de sua falta da continuidade sistemática típica do romance realista e do cinema. Como exemplo desta consciência, ele comenta a respeito de uma ocasião em que Bob Wilson foi solicitado a adaptar o *Vídeo 50* para exibição em galeria. Ele recusou, argumentando que o formato de TV planejado (que acomoda intervalos, redundâncias e delineamentos que a mídia exige) resultaria em um conjunto estranho se editado como um todo. Como comenta Machado,

Diante da pequena tela do receptor caseiro, entretanto, o espectador não se choca, pois sabe que esta é a estética do meio, muito mais próxima aliás da realidade fragmentária e desigual em que ele vive. Alguns

críticos apocalípticos costumam apontar aí uma das origens da alienação na tevê, pois, no seu modo de ver, a mídia eletrônica nivela tudo, do drama social no campo às virtudes de determinado creme de barbear, anestesiando o senso crítico do espectador. Interpretação arbitrária, é claro, pois a maneira como cada espectador “lê” os saltos qualitativos de uma instância de realidade a outra é relativo ao background de informações desse próprio espectador. Nada impede que, diante do salto do nordestino flagelado à bela modelo nua, o espectador faça outras espécies de associações conceituais, radicalmente críticas inclusive (MACHADO, 1990, p. 110-111).

O tema da alienação está relacionado ao fato de que, inúmeras vezes, mídias como rádios, TVs e computadores criam versões distorcidas da realidade (ou são lidos de forma distorcida, mesmo que involuntariamente, por um público pouco crítico ou atento). Este é um tema complexo, uma vez que não se pode assumir uma realidade objetiva, pelo que se poderia inferir que a realidade é sempre uma versão das coisas moldadas a partir da perspectiva de cada um. Mas isto não significa que um consenso em torno de interpretações razoáveis das coisas não possa ser construído temporariamente, através de mitos, ciência, mídia ou política, por exemplo. O problema aparece quando algumas interpretações das coisas se desviam tanto desse consenso, que se tornam ilusórias ou delirantes. Às vezes a mídia é acusada de se envolver em tais desvios, como discutido por Jeffrey Sconce, em *Haunted Media*:

Depois de se estabelecer como instituição pública, a televisão foi frequentemente atacada no final dos anos 50 e início dos anos 60 por produzir um mundo distorcido e duplicado. Um reino de sitcoms açucarados, programas de jogos desonestos e cobertura jornalística superficial, a televisão forjou sua própria realidade, um mundo relacionado à vida real e ainda estranhamente removido e distorcido /.../ Uma vez que apenas

uma ponte entre mundos reais e fantásticos, a mídia eletrônica na era da televisão se tornou um cadinho para um espaço eletrônico incrível capaz de colapsar, comprometer e até mesmo deslocar o mundo real (SCONCE, 2000, p. 17-18).

A versão de Orson Welles da *Guerra dos Mundos*, transmitida em 1938 na CBS Radio, é um incrível exemplo de ficção acidentalmente confundida com realidade. O público confundiu a narrativa de ficção científica com uma invasão alienígena dos Estados Unidos. Provavelmente a relativa novidade das redes de rádio, quando aconteceu, ajuda a explicar a ilusão coletiva, não tão diferente da já mencionada suposta fuga do público quando os irmãos Lumière exibiram um filme de um trem crescendo à medida que se aproximava do primeiro plano da cena. Ou a confusão relacionada e também mencionada entre um *chatbot* e uma pessoa, citada por Janet Murray, em *Hamlet on the Holodeck* (MURRAY, 1997, p. 68-71). Nos primeiros dias da informática, o vice-presidente de uma empresa viu um terminal com o *chatbot* Eliza funcionando e o tomou por uma pessoa real, mantendo uma luta enérgica com o suposto antagonista. As novas mídias podem entorpecer a percepção a um ponto em que as pessoas perdem a noção da realidade? Se sim, por que os episódios de histeria em massa não são comuns ao longo da história da mídia?

Ao contrário dessa posição, e mais alinhado com um pensador como Raymond Williams, que defende a capacidade da sociedade de regular politicamente sua mídia — o que foi feito até certo ponto com a televisão pública na Europa, mas se tornou impossível sob o paradigma neoliberal que rege o mundo no qual as mídias sociais estão se espalhando —, Machado afirma que “uma verdadeira revolução interativa depende muito mais ainda

de mudança política, que redefinem a hierarquia dos papéis sociais e fundem uma nova democracia, baseada na participação dos cidadãos” (1990, p. 26).

Ambas as abordagens trazem uma visão valiosa ao tópico, dado que a mídia e os seres humanos, como já foi dito, desenvolvem uma relação fenomenológica, bidirecional, de influências mútuas. Como afirma Clifford Geertz (2008), a cultura humana é uma teia de significados que o próprio homem teceu. A partir dessa perspectiva, é impossível isolar o homem, a cultura, a natureza, a tecnologia. Todos eles são elementos desta teia de significados que se afetam mutuamente e exigem interpretação constante. A ciência costumava ocupar um lugar central nesta tessitura, mas infelizmente sua importância tem se relativizado e, até mesmo, em certos grupos, desaparecido por completo.

Tanto Marshall McLuhan, quando formula seu pensamento em torno de narciso como narcose, quanto Harry Pross trabalharam sob a suposição de que a mídia pode se tornar uma droga. De acordo com Baitello Júnior (2018), em *Zwänge* Pross discute como a dinâmica do verticalismo nas comunicações funciona em uma negociação de moeda extremamente valiosa: o tempo das pessoas. Tanto quanto o trabalho compra tempo das pessoas, suas horas de lazer em frente à TV ou usando dispositivos como computadores ou telefones celulares resulta em uma relação em que o conteúdo e a informação são rarefeitos, produzindo assim um déficit emocional. A partir daí, pode-se inferir que esse déficit é suprimido com uma overdose de mídia, com repetição da mesma até um ponto em que o usuário será anestesiado. Como esta compreensão da mídia como droga proposta por McLuhan e Pross pode ajudar a entender o episódio de confusão em torno de *Guerra dos Mundos* ou a difusão contemporânea

de notícias falsas num contexto de menor confiança na ciência, no jornalismo e nas instituições democráticas? Quais são alguns dos exemplos significativos atuais de ilusão da mídia e por que eles estão se tornando mais comuns como parte de uma escalada de extrema direita que se assemelha a aspectos das ascensões fascistas dos anos 1930 e 1940?

Mesmo que ficcional, *Videodrome* (1983), de David Cronenberg, é um exemplo poderoso a esse respeito. Como uma série de filmes de ficção científica distópicos, ele tem algumas descrições premonitórias de um futuro não tão distante: sendo o filme dos anos 80, nosso presente. Mais uma vez um discurso que se aproxima da fabulação da ciência antecipa aspectos importantes do ambiente que vai resultar num excesso de notícias falsas. Em um trecho bastante longo de *Cultural Techniques* (um livro que não tem o filme por tema central), Bernhard Siegert (2015) discute a indistinção entre ficção e realidade em *Videodrome*. O filme apresenta uma situação de confusão radical entre ficção e realidade, de forma que nem os personagens nem o espectador conseguem distingui-las ao longo do filme.

Uma explicação mais materialista para o episódio da transmissão de *Guerra dos Mundos* aponta para o interesse da comunicação esotérica na época do episódio. Para Sconce, trata-se de "um fascínio inicial pela captura do 'dx' (distante) sinal" que se transformou em "uma eventual normalização da recepção de rádio" (2000, p. 16). Segundo Sconce:

Este relato começa com esforços na virada do século para conceber transmissores de rádio que funcionem para contatar Marte e segue esta vertente "alienígena" da história do rádio até seu ápice no que é talvez a parábola mais notória das qualidades opressivas da

presença em rede — a adaptação de Orson Welles de 1938 da *Guerra dos Mundos*. Argumentarei que a infame "transmissão do pânico", ocorrendo em um meio onde a atração da "pesca dx" havia dado lugar tão recentemente aos controles de rotina do consumo cíclico, foi tanto um pânico sobre a nova e bastante sufocante presença da comunicação de massa quanto um pânico sobre a invasão extraterrestre (2000, p. 16).

O livro de Sconce aborda em detalhe este contexto em que ciência, ficção científica e pseudociência orbitavam em torno das ondas etéreas por onde rádio e TV eram transmitidos. O avanço da ciência, nesta época, é impressionante, resultando no surgimento dos dispositivos e princípios que vão organizar os modos de funcionamento das culturas e das sociedades (especialmente no Ocidente), ao longo do século XX. É curioso observar como a ciência avançada da época suscitava fabulações fictícias e delírios confundidos com realidade (como no caso da crença na capacidade das ondas de rádio captarem as vozes dos mortos).

Nesta perspectiva, o incidente em torno da transmissão de Welles fala tanto da tensão entre a internalização das comunicações de massa em contextos urbanos como do pânico coletivo com invasões alienígenas. Para Sconce, o "poder simbólico de *Guerra dos Mundos* como uma parábola favorecida dos estudos da mídia reside em sua capacidade de tornar esta relação explícita apenas para então dar conta de sua destruição absoluta" (2000, p. 16). Por essa razão, "*Guerra dos Mundos* permanece fascinante não tanto como uma história do fim do mundo, mas como uma história do fim da mídia" (2000, p. 16).

O contexto no qual o episódio ocorreu é relevante. No início do século XX, a crença na comunicação via rádio com os mortos foi difundida a ponto de Albert Einstein escrever prefácios elogiosos de livros sobre o tema

(SCONCE, 2000, p. 76) e Thomas Edison desenvolver um plano para um dispositivo de comunicação sem fio com os mortos (SCONCE, 2000, p. 81-91). Esta crença generalizada na vida após a morte poderia ter sido um dos fatores por trás do pânico durante a transmissão de *Guerra dos Mundos*. O livro de Sconce sugere este elo, inserindo uma discussão sobre o acidente em uma discussão mais ampla de vozes imateriais ouvidas de rádios. Mas, claro, esta conexão do rádio com experiências paranormais é questionável. Em um ponto-chave do livro, Sconce toma o exemplo popular de Raudive como exemplar da explicação não-esotérica para tais fenômenos, afirmando que

Há, é claro, qualquer número de explicações racionais que se pode oferecer para estes fenômenos supostamente paranormais, e qualquer número de motivações às quais se pode atribuir as interpretações das vozes de rádio feitas por Raudive e outros. Interferência, problemas de circuito e recepção codificada estavam entre as teorias oferecidas pelos engenheiros de som. Os ataques mais persistentes ao trabalho de Raudive, no entanto, não vieram da ciência da eletrônica, mas dos campos da psicologia e da psicanálise. Os psicólogos que comentaram o fenômeno atribuíram o EVP à mente inconsciente do experimentador. Estes céticos acreditavam que os pesquisadores psíquicos que escutavam estas fitas de forma tão deliberada uma e outra vez estavam apenas projetando seus próprios medos e desejos na estática sibilante, formando "vozes espirituais" a partir dos escombros de sua própria psique e, no final, ouvindo o que eles queriam ouvir (SCONCE, 2000, p.89).

Esta explicação racional aponta para uma direção que é útil para explicar o episódio de *Guerra dos Mundos* e as notícias falsas atuais: a psicologia das massas. Se em contextos particulares de mediação as pessoas

alucinam ao ponto de ouvir fantasmas, de "ouvir o que querem ouvir" na comunicação supostamente etérea com os mortos, há mecanismos psíquicos em ação que permitem isso. Quais são as condições psicológicas que levam indivíduos e grupos a delirar com realidades alucinatórias? A realidade, como discutido em *Depois da realidade consensual* (BASTOS, 2000), é sempre uma negociação coletiva, tornando-se assim objeto de constante debate, questionamento e disputa. Como surgem visões extremas da realidade como perspectivas que se desviam do acordo coletivo proposto por um cluster de ciência, senso comum, meios de comunicação e outros sistemas de crenças, que fazem fronteira com perspectivas alucinatórias? Responder esta pergunta permite entender um pouco melhor o atual momento em que as notícias falsas tomam conta da realidade de maneira preocupante. Em outras palavras: é preciso resgatar o discurso científico como reação aos discursos que circulam no avesso da ciência, em busca de consensos mais razoáveis a respeito das coisas.

NOTAS

1 O título do livro *Travels in Hyperreality*, no Brasil, foi traduzido como *Viagem na irrealidade cotidiana*.

REFERÊNCIAS

BAITELLO Júnior, Norval. Mídia como droga. In: *A carta, o abismo, o beijo*. São Paulo: Paulus, 2018. p. 117-124.

BASTOS, Marcus. Depois da realidade consensual, In: PRIOSTE, Marcelo (Org.). *Redes, séries e nós*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

BASTOS, Marcus. Sobre transmissões: pontes entre os séculos 19 e 21. *Revista Científica/FAP*, v. 19, n. 2, p. 140-159, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/2436> Acesso em: 25 jul. 2022

CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ERNST, Wolfgang. *Sonic Time Machines: Explicit Sound, Sirenic Voices, and Implicit Sonicity*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2016.

FREUD, Sigmund. *A psicologia das massas e a análise do eu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1 ed, Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MACHADO, Arlindo. *O sujeito na tela: Modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2007.

MAREK, Michael. Como o rádio se tornou um culto entre os alemães. Deutsche Welle, 2020, n.p, Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-o-r%C3%A1dio-se-tornou-um-culto-entre-os-alem%C3%A3es/a-56032947> Acesso em: 25 jul. 2022.

MCLUHAN, Marshall. *The gadget lover: Narcisuss as narcosis*, In: MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: The extensions of men*. Cambridge (MA): MIT Press, 1994. p. 45-52.

MURRAY, Janet. *Hamlet on the Hollodeck*. Cambridge (MA): MIT Press, 1997.

SCONCE, Jeffrey. *Haunted Media: Electronic Presence from Telegraphy to Television*. Durham: Duke University Press, 2000.

SIEGERT, Bernhard. *Cultural Techniques: Grids, filters, doors and other articulations of the real*. New York: Fordham University Press, 2015.

Filme

VIDEODROME. Direção: David Cronenberg. Produção: Claude Héroux; Pierre David; Victor Solnicki. Canada: Universal Pictures, 1983. son., color.